

**TRADIÇÃO** | Vertente do candomblé, nem tão conhecida como a ketu, continua preservada nos templos da capital da Bahia

# Pesquisa mostra resistência de terreiros ijexá em Salvador

CLEIDIANA RAMOS  
cramos@grupoatarde.com.br

“A casa aqui é bem antiga e se cultua muito as divindades mulheres”. O depoimento é de Estelita Lima Calmon, 88 anos, ialaxé do terreiro Ilê Axé Kalê Bokun. O título ialaxé é dado à ocupante do mais alto posto hierárquico da casa. Se for um sacerdote, ele será babalaxé. Localizado em Plataforma e com uma denominação que significa, em uma tradução livre para o português, “a casa das riquezas profundas”, o templo é ijexá, nação de 1,3% dos 1.149 templos afro-religiosos cadastrados na pesquisa *Mapeamento dos Terreiros*.

O estudo, do Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia (Ceao/Ufba), a pedido das secretarias municipais da Reparação e da Habitação, divulgado em maio, acaba de ter os dados computados.

“Tínhamos os números preliminares, com 60% dos questionários. Aconteceram algumas alterações mínimas, pois a divulgação só aconteceu dentro da margem de segurança de estudos deste tipo”, salienta o doutor em antropologia, coordenador da pesquisa e diretor do Ceao, Jocélio Teles dos Santos.

“Nação” é um termo político, que foi absorvido pelo universo dos terreiros para designar de qual povo africano uma casa de culto conservou elementos característicos – língua ritual, divindades, dentre outros. Em muitas delas, essa origem é definida de forma dupla ou tripla, com expressões como ketu-jeje, por exemplo.

Um estudo já considerado clássico sobre como um termo político foi apropriado pelo candomblé baiano é de autoria de um dos mais proeminentes antropólogos baianos – Vivaldo da Costa Lima (ver entrevista na página 12). Na pesquisa *Mapeamento dos Terreiros*, a predominância é da nação ketu (57,8%), seguida pela angola



Jorjão Bafafé: desejo de reabrir casa religiosa fundada por avô

(23.9%) e jeje (2.1%). As divindades são importantes para a diferenciação entre as nações: os ketu cultuam os orixás, os angolas, os inquices e os jeje, os voduns. Embora de nações diferentes, eles compartilham elementos comuns no formato mais geral das suas celebrações.

**DIVERSIDADE** – É isso, inclusive, que faz com que muita gente considere o ijexá apenas um ritmo ritual e não uma “nação” de culto, com características próprias. “É porque a gente não sai muito da linha ketu”, diz Mãe Estelita.

No Kalê Bokun, o que é feito no barracão – local onde acontecem os rituais – é realmente bem semelhante ao rito ketu: as músicas, os passos. Só que as especificidades do ijexá aparecem nos ritos internos da casa, como na hora das ofertas das comidas aos santos.

“O rito de barracão se perdeu um pouco. Mas, os ritos internos são ijexá, porque somos dessa na-

ção”, explica Everaldo Nogueira, filho de Oxum e ebomi do terreiro, uma vez que já tem cumpridos seus ciclos de obrigação.

Além disso, a casa preza muito o rigor da obediência aos dias de recolhimento para a iniciação, por exemplo. “Dizem que somos mais devagar. É difícil, por conta da mudança dos tempos, mas é a nossa tradição”, completa Everaldo.

Uma das características também é o silêncio: tradicionalmente, os ijexá, assim como o povo jeje, não costumam falar muito dos seus ritos, tampouco abriram muitas casas irmãs.

De um dos mais famosos terreiros dessa nação, o de Eduardo Antonio Mangabeira, inclusive chamado de Eduardo Ijexá, já não há informações, nem na comunidade de santo nem em Brotas, bairro onde o terreiro ficava, embora a localização seja incerta.

Já o terreiro Jagum Alabajê, localizado no Engenho Velho de Brotas, está fechado há cinco anos, desde o falecimento da yalorixá Amélia do Sacramento. Mas, a tradição resiste. “Estamos lutando para reabrir o terreiro. Sabemos da nossa responsabilidade em manter a cultura ijexá”, diz Jorge Sacramento, conhecido como Jorjão Bafafé. Percussionista, ele é presidente do bloco afro Okambí e da Associação Cultural Grupo União.

Segundo Bafafé, o desejo de saber mais sobre o ijexá é também uma necessidade dele: “Hoje, sinto não ter aproveitado mais o tempo passado com a minha avó”. O terreiro, do qual Bafafé é alabê, título do sacerdote músico, foi fundado em 1960.

Ele explica que Jagum é o nome com que Obaluaê, a divindade ketu que tem poder sobre a saúde e a doença, é chamado neste terreiro ijexá. A avó dele foi iniciada em um terreiro que fica no Vale da Muriçoca. “Esta casa não existe mais. Era também ijexá, daí porque minha avó seguiu essa linha”.



Ebomi Maria das Graças de Oyá, Mãe Estelita e ebomi Everaldo D'Oxum: guardiães de herança ritual

## Filhos de Gandhi faz ritmo chegar até o Carnaval

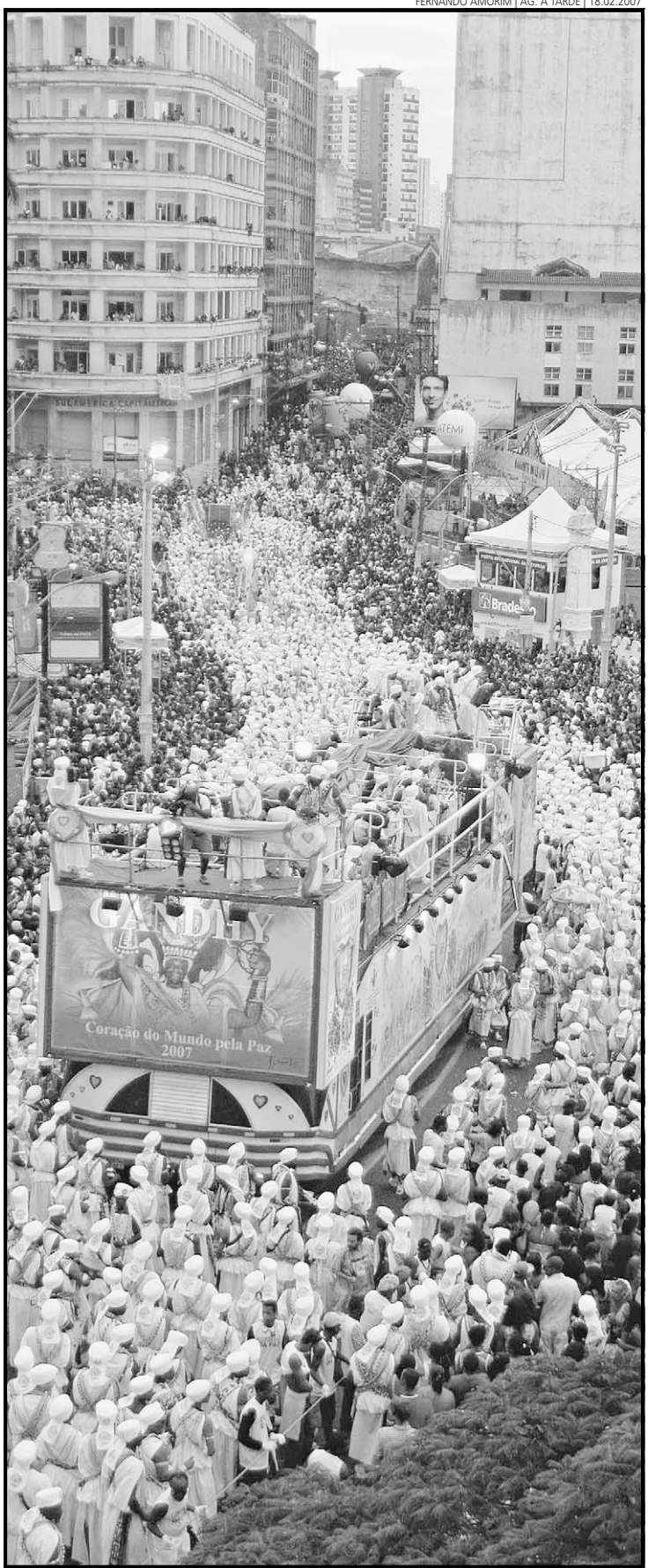
Conhecido como “o tapete branco do Carnaval”, o afoxé Filhos de Gandhi faz o seu famoso desfile embalado pelo ritmo ijexá. O toque inspirado no universo religioso tornou-se uma das principais marcas da associação, fundada em 1949.

“O toque e a dança mais lenta são inspirados na cultura ijexá”, destaca o professor Agnaldo Silva, presidente do afoxé. O Filhos de Gandhi foi fundado por um grupo de estivadores do Porto de Salvador.

A idéia veio da política – no caso, a história do pacifista indiano Mahatma Gandhi –, e para o figurino foi inspirador o filme *Gungadin* (filme do diretor americano George Stevens que se passa na Índia). O som foi influenciado pela tradição afro-brasileira dos terreiros. Essa reunião de elementos deu ao Carnaval de Salvador um dos seus principais ícones, afinal, com seu traje em branco e azul, o afoxé toma as ruas levando mensagens de paz.

“Até o fato de evitar mulheres foi para preservar essa proposta: como o ambiente envolvia bebida, festa, se alguém mexesse com a mulher do outro poderia acabar em confusão”, relata Silva. Mas, de acordo com ele, nem por isso as mulheres ficam de fora. “Elas, na verdade, estão sempre atuando na logística, auxiliando no vestuário, acompanhando tudo”, diz. A associação tem 15 mil associados e costuma sair com oito mil a cada ano.

Fiel às raízes no candomblé, o Gandhi, que antes do desfile ia pedir a bênção de Mãe Menininha, toca nos desfiles saudações a vários orixás, começando por Exu, mensageiro e senhor dos caminhos. “O toque do Gandhi continua bem fiel ao ijexá. Os tambores mesmo são tocados na mão, como se toca no candomblé desta nação”, diz Agnaldo Silva. (C.R.)



Afoxé Filhos de Gandhi popularizou o ritmo ijexá no seu belo desfile

## Religião preserva memória étnica

A nação ijexá, como acontece com as outras, é herança dos povos africanos de mesmo nome que vieram para o Brasil escravizados. São do conjunto dos que falavam iorubá, com origem onde hoje está, principalmente, a Nigéria.

No histórico que escreveu sobre o Kalê Bokun, a antropóloga Neivalda Santos, que é filha-de-santo da casa, destaca que o reino ijexá era vizinho a Oyó, mas, diferentemente deste, tem muito poucas informações reunidas. Ficou bem mais conhecido como ritmo musical, celebrado pelo afoxé Filhos de Gandhi.

Segundo o estudo de Neivalda Santos, a tradição oral religiosa, inclusive do Kalê Bokun, fala de um grupo de ijexás moradores da Baixa de Quintas no final do século XIX. Como sacerdotisa preeminente desta linha, destacava-se tia Cândida de Oxalá. De lá, algumas das parentas dela, como tia Jerônima, partiram para a Cidade Baixa, na região da Ribeira, onde implantaram candomblés desta tradição.

Outro reduto importante dos ijexás seria o Tororó. O fundador do Kalê Bokun, Severiano Santana Porto, filho de Logum Edé, foi consagrado por tia Jerônima. Os dois eram parentes de tia Cândida de Oxalá. Da Ribeira, onde sediou a primeira casa, o babalorixá, título que, no caso dele, era o que indicava o mais alto posto da casa, migrou para o local conhecido como Bate-Estaca, em Plataforma. Foi ali que ele consagrou seus primeiros filhos-de-santo.

Depois, mudou-se para a Rua Antônio Balbino, no mesmo bairro, onde a casa está até hoje. A data de apresentação dos primeiros consagrados – 20 de agosto de 1933 – é o marco de fundação do terreiro. Quando Pai Severiano morreu, em 1970, o terreiro foi assumido por Claudionor Pereira. Este foi sucedido por mãe Estelita.

**O candomblé** de nação ijexá tem os orixás como divindades principais. O panteão é bem parecido com o de ketu. Em algumas casas ijexá, há uma predominância maior de divindades como Ogum, Oxum, Logum Edé e Oxalá. O ritmo tocado para reverenciar as divindades é bem cadenciado.

**LEMBRANÇAS** – Uma outra bela narrativa envolvendo uma nação ijexá é feita pela ebomi Cidália Soledade, 77 anos. Ebomi Cidália foi consagrada no candomblé pela ialorixá Maria Escolástica da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois.

Ainda jovem, ebomi Cidália presenciava a recepção a um grupo de sacerdotisas, que vinha do terreiro ijexá comandado por mãe Júlia Bugã. Isso acontecia no quinto dia da festa em homenagem a Oxum, divindade a quem Mãe Menininha era consagrada. Era uma espécie de ritual de cortesia entre terreiros de tradições diferentes.

A casa de mãe Júlia Bugã ficava onde hoje está situado o Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues e o Departamento de Polícia Técnica (DPT), no Vale dos Barris. Na década de 1940, de lá partia a procissão formada por sacerdotisas, tocando pequenos tambores chamados de ilubadami, além de uma cabaça totalmente preparada para a música: o xequerê, em direção ao Gantois.

“Elas iam vestidas a rigor, tocando”, relata ebomi Cidália.

Só aí já estava uma inovação em relação a outras tradições dos terreiros, onde o toque de instrumentos rituais é uma tarefa masculina.

**ENCONTRO** – Chegando ao Gantois, o grupo era recebido por Mãe Menininha. Neste dia, o terreiro deixava o toque ritual ketu pelo ijexá, adotado para tudo o que se tocava no Gantois neste dia, em saudação aos orixás: era uma gentileza com a nação visitante.

A festa religiosa era encerrada em um clima de confraternização, com um grande almoço festivo: “Era uma cerimônia linda”, completa ebomi Cidália.

O terreiro de mãe Júlia Bugã não existe mais. A área onde ficava fazia parte da comunidade conhecida como Língua de Vaca, desapropriada pelo governo para que o complexo do Instituto Médico-Legal fosse construído.

A memória da casa é também marcada por uma árvore de beleza imponente, o Iroko, que representa o orixá a quem ebomi Cidália é consagrada.

Outro grande sacerdote ijexá, Eduardo Antônio Mangabeira, que levava no nome a própria designação da nação, ganhou lugar de honra na memória do candomblé. “Eduardo Ijexá só fazia obrigação uma vez por ano. Não era uma obrigação que a gente chamaria de candomblé no sentido de grande afluência. Não tinha barracão: tudo era feito na residência, na ocasião da obrigação para o santo”, conta o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, que entrevistou o religioso para pesquisas. (C.R.)

Notícia integrada: **Ouçá** no portal A TARDE ON LINE | www.atarde.com.br | o toque inspirado no ijexá conservado na música do afoxé mais conhecido do mundo: o *Filhos de Gandhi*.